REGISTRO 87.8579
CLASSIF 378
ORDEM A162p
DATA 04/03/01

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

A146p
8ª ed.

Abreu, Maria Célia de.
O professor universitário em aula: prática e princípios teóricos / M. Célia de Abreu Marcos T. Masetto. - - 8ª ed. - - São Paulo : MG Ed. Associados, 1990

Bibliografia.

1. Administração de sala de aula 2. Educação superior 3. Interação professor-aluno I. Masetto, Marcos Tarcísio, 1937 - II. Título.

86-0463

CDD-378.12
-378.170282

Índices para catálogo sistemático:

1. Alunos e professores universitários : Relações : Ensino superior 378.12
2. Ensino universitário 378.12
3. Práticas de sala de aula : Ensino superior 378.170282
4. Professores universitários e alunos : Relações : Ensino superior 378.12
5. Relações entre professores e alunos : Ensino superior 378.12
6. Sala de aula : Práticas : Ensino superior 378.170282

M. Celia de Abreu
Marcos T. Masetto

O Professor Universitário em Aula: Prática e Princípios Teóricos

mg editores associados

Biblioteca "Cel. Alire B. Carneiro
UNIVILLE

CAPÍTULO 3

OBJETIVOS

I. Qual a Finalidade deste Capítulo?
II. O que são os Objetivos de um Plano de Ensino?
III. Quais as Vantagens de Redigir Objetivos?
IV. Quais as Dificuldades de Redigir Objetivos?
V. Que Categorias podem ter os Objetivos de uma Disciplina?
VI. De que Características Precisam se Revestir os Objetivos de uma Disciplina?
VII. O que Influi nas Decisões sobre Objetivos de um Plano de Ensino?
VIII. Em Conclusão

OBJETIVOS

I. Qual a Finalidade deste Capítulo?

Ao terminar a leitura deste capítulo, esperamos que você, como professor, possa ter reorganizado idéias que talvez já lhe passaram pela cabeça anteriormente, ou mesmo possa ter entrado em contato com algo de novo, relacionado com o tópico "Objetivos de um plano de ensino".

Esperamos ainda que, em conseqüência disso, redigir objetivos para seus próprios cursos deixe de ser uma tarefa mecânica, talvez apenas uma obrigação formal e passe a se constituir em um dos momentos mais importantes de sua preparação para entrar em sala de aula. Esta é uma atividade que, além de orientações, exige grande dose de criticidade e flexibilidade por parte do professor.

II. O que são os Objetivos de um Plano de Ensino?

Entendemos por objetivos de um plano de ensino metas definidas com precisão ou resultados previamente determinados, indicando aquilo que um aluno deverá ser capaz de fazer como conseqüência de se ter desempenhado adequadamente nas atividades de uma disciplina. Normalmente, coloca-se ênfase em modificações de comportamento do aluno, as quais são atribuídas às experiências educacionais, planejadas pelo professor, exatamente com esse fim. Tais comportamentos são a expressão de conhecimentos, ou de atitudes, ou de habilidades que, antes de cursar a disciplina, o aluno não era capaz de realizar ou, pelo menos, de realizar tão bem.

O estabelecimento de objetivos orienta o professor quando vai selecionar o conteúdo, escolher as estratégias de ensino e elaborar

o que e como avaliar. E também orienta o aluno, que fica sabendo o que se espera dele nesse curso e para que isso vai servir, ou em relação a que vai ser avaliado. Numa palavra: os objetivos, dentro de um plano de ensino, servem para direcionar a ação do professor e, conseqüentemente, facilitar a aprendizagem do aluno.

III. Quais as Vantagens de Redigir Objetivos?

Do ponto de vista do professor, a redação de objetivos auxilia-o a reforçar as intenções que possuía implicitamente, e talvez de modo não muito claro, ao aceitar que iria assumir aquele curso; ajuda o professor a "colocar para fora" e a organizar suas próprias idéias sobre o ensino daquela disciplina que se propôs a dar, inclusive com clareza e precisão, o que é um passo importante para refletir sobre tais idéias.

A redação dos objetivos de um plano de disciplina torna mais claros os objetivos educacionais com os quais o professor compactuou, sendo freqüente, inclusive, que perceba novas facetas que não tinha descoberto ainda, dentro dos próprios objetivos educacionais. O mesmo se pode dizer dos objetivos de uma unidade em relação a objetivos do curso.

É a partir da colocação, por escrito, dos objetivos de um curso (ou de uma unidade) que se torna mais provável a existência de uma coerência destes com estratégias e avaliação. São os objetivos que vão nortear a escolha dos métodos, materiais e situações de ensino, bem como das formas e instrumentos de avaliação da aprendizagem do aluno. É relativamente freqüente encontrar cursos nos quais a metodologia e a avaliação escolhidas pelo professor pouco têm a ver com o que ele, geralmente na primeira aula, disse aos alunos que eram os objetivos da disciplina; isso ocorre porque, na verdade, essa passagem não se dá automaticamente, nem é fácil, exigindo esforço, atenção, conhecimentos, prática anterior, criatividade e um pouco de sorte por parte do professor. Entretanto, ocorre principalmente quando os próprios objetivos não estão bem colocados para o professor. Redigir os objetivos, conseqüentemente, embora não garanta coerência entre objetivos, estratégias e avaliação, aumenta bastante sua probabilidade de coerência; é uma maneira de o professor melhorar a condução e a avaliação do curso.

Tendo o professor relacionado objetivos no seu plano de ensino, poderá se preocupar com cada um deles, sem se esquecer de

um ou outro aspecto; isso permitirá ao aluno o desenvolvimento de diferentes potencialidades. Geralmente, nos cursos universitários, favorece-se o desenvolvimento cognitivo, seja porque este é mais fácil de ser avaliado pelo professor do que habilidades ou atividades, seja porque foi assim o curso que o professor cursou, em seus tempos de estudante, seja por alguma outra razão; isto é, o professor teoricamente concorda que a formação do aluno como um todo é, em parte, tarefa de sua responsabilidade; apenas, "esquece-se" disso na prática cotidiana. Digamos, por exemplo, que o professor estabeleça como um dos objetivos do seu curso que o aluno deve "desenvolver sua habilidade de trabalhar em pequenos grupos"; isso irá ajudar o professor a criar situações em sala de aula que permitam ao aluno trabalhar em pequenos grupos, bem como ter orientações que proporcionem um aperfeiçoamento nessa habilidade no decorrer do curso; isso irá ajudá-lo, também, a refletir sobre como avaliará se o aluno alcançou esse objetivo. Está claro que, se o curso só for dado com aulas expositivas e desenvolvimento de projetos individuais de pesquisa, ou se a avaliação constar apenas de várias provas de escolha múltipla, ou se não se comentar em classe sobre diretrizes de dinâmica de grupo, a potencialidade de "habilidade de trabalho em pequenos grupos" do aluno estará sendo concretamente negligenciada (embora se possa estar favorecendo muito bem seu desenvolvimento cognitivo). Assim, portanto, se o professor dispuser da colocação de todos os objetivos que pretende para seu aluno, haverá probabilidade maior de que se preocupe com todos eles.

Uma vantagem, relacionada com essa, é que aumenta também a probabilidade de que o professor não estará avaliando aprendizagens que não eram pertinentes à disciplina ou, pelo menos, não eram do conhecimento do aluno. É uma queixa freqüente a do aluno que se sente "atraiçoado" pelo professor, que o repreende ou reprova com base em itens dos quais o aluno nem sempre suspeitava que "contavam" no curso. É freqüente também que o professor, ao se propor a modificar objetivos de sua disciplina, se perceba, no dia-a-dia, voltando a repetir as mesmas estratégias e a avaliar as mesmas aprendizagens que em cursos anteriores; dispor de objetivos escritos, com constantes consultas a eles, aumenta a probabilidade de o professor não incidir nessas falhas.

De um ponto de vista de conjunto, da instituição, a redação de objetivos permite que os vários professores responsáveis pela formação daquele grupo de alunos entrem num acordo, de tal modo que as diversas aprendizagens necessárias a eles sejam todas alcan-

se perguntava o que o aluno pode aprender e se respondia que ele pode aprender conhecimentos, habilidades e atitudes. Quando o professor explicita qual ou quais dessas categorias de aprendizagem precisam ser adquiridas pelo aluno e em que momentos do curso, ele dispõe de um referencial que organiza e facilita as decisões sobre objetivos. Cabe retomá-las.

a) **Conhecimentos:** Em quase todos os problemas educacionais o aluno precisa adquirir determinado cabedal de conhecimentos: informações, fatos, conceitos, princípios, sua aplicação, teorias, interpretações, análises, estudos, hipóteses, pesquisas, debates, aspectos definidos, tópicos polêmicos, etc.

b) **Habilidades:** Referem-se a tudo aquilo que o aluno deve *aprender a fazer* desenvolvendo suas capacidades intelectuais, afetivas, psíquicas e motoras. Por exemplo: capacidade de organizar seu próprio estudo; capacidade de avaliar seu próprio trabalho e trabalhos de outros; capacidade de formular uma hipótese, realizar uma pesquisa; capacidade de coletar, organizar informações; capacidade de utilizar seus sentidos conforme a necessidade; domínio e utilização de seus movimentos e de sua ação motora; etc.

c) **Atitudes:** São os comportamentos que o aluno apresenta diferentes daqueles que apresentava antes de passar por essa disciplina. Por exemplo: curiosidade científica, perseverança no questionamento, responsabilidade quanto à aprendizagem, consciência crítica frente à realidade, à sua profissão, aos fatos, acontecimentos e teorias, agente no seu processo de aprendizagem, solidariedade, competição, trabalho em equipe, etc.

No entanto, como observa Marques (1976, p. 51) "conhecimentos, habilidades e atitudes são trabalhados nas situações de aprendizagem *ao mesmo tempo* e estão sempre presentes, ainda que os co-participantes do processo ensino-aprendizagem não tenham muitas vezes uma clara consciência de como estas dimensões se comportam para configurar as aprendizagens resultantes. Em termos, porém, de planejamento e avaliação educacional, é conveniente manter um balanço entre objetivos que acentuam predominantemente a aprendizagem de conteúdos (conhecimentos), os que enfocam desempenhos ou ações que o aluno deverá vir a desenvolver (habilidades) e os que se destinam a operacionalizar o desenvolvimento de sentidos e emoções desejáveis, seja na área do relacionamento humano, seja como posicionamentos individuais específicos do perfil de determinada profissão (atitudes)", se quisermos

proporcionar ao nosso aluno oportunidade para uma aprendizagem que o afete como um todo.

Vale, ainda, a este próposito, transcrever aqui a advertência de Díaz Bordenave (1978, p. 101): "ciente, porém, o professor universitário, de que sua maior responsabilidade não é a de produzir profissionais competentes, embora rotineiros, senão a de contribuir no desabrochar de personalidades autônomas e originais, capazes de repensar a realidade presente e forjar uma nova realidade".

VI. De que Características Precisam se Revestir os Objetivos de uma Disciplina?

Como dissemos anteriormente, os objetivos dentro de um plano de ensino servem para direcionar a ação do professor, e facilitar a aprendizagem do aluno. Para cumprirem, no entanto, estas funções, os objetivos deverão se revestir de algumas características:

a) Serem reais e atingíveis.

b) Serem operacionalizados.

c) Representarem as necessidades do indivíduo que aprende.

d) Representarem as necessidades da comunidade.

a) **Reais,** quando os objetivos de fato interferirem no planejamento e execução das atividades; quando de fato os professores os levem a sério e trabalhem por concretizá-los; quando os alunos, conscientes deles, trabalharem eficientemente por alcançá-los; quando a direção da escola providenciar os meios necessários para facilitar sua consecução.

Atingíveis, quando se manifestarem concretos e possíveis de serem conseguidos dentro do tempo de que se dispõe e dos limites das condições existentes.

b) **Operacionalizados,** quando são definidos em termos concretos de comportamentos, ações ou atividades que se esperam do aprendiz; quando sua redação sugere, para além do fato de o professor ensinar, as condições para que o aluno aprenda; quando estes objetivos se manifestam passíveis de alguma mensuração ou avaliação. A título de exemplos, considerem-se os seguintes:

"Aprender a formular uma hipótese e realizar pesquisas relacionadas a ela."

Biblioteca "Cel. Aire B. Carneiro
UNIVILLE

"Aprender a coletar, organizar e comunicar suas próprias informações."

"Aprender a identificar problemas essenciais."

"Aprender a usar diferentes (quais?) técnicas ou instrumentos de trabalho."

"Aprender a trabalhar em equipe."

"Adquirir os seguintes conhecimentos: . . ., . . ., . . ."

"Levar o aluno a utilizar o método científico na abordagem dos problemas referentes à sua área."

"Aprender a assumir a responsabilidade de iniciar e coordenar esforços no sentido de solucionar um problema."

"Aprender a suplementar seus próprios conhecimentos e julgamentos com o conhecimento e experiência de outros especialistas."

c) **Representarem as necessidades do indivíduo que aprende,** quando são levadas em conta também as motivações e aspirações do aluno, e não formulados a partir apenas da óptica do professor ou planejador de currículo. "A constante reformulação de objetivos pelo aluno será um indicador das graduais transformações que ocorrem em face das múltiplas aprendizagens que vai incorporando à sua personalidade. Esta é uma das razões porque os objetivos estão em exame a cada etapa de ensino, realimentando o processo de aprendizagem e tornando o ensino uma experiência vivida pela significância que alcança na realidade de cada um." (Marques, 1976, p. 49-50). Isto se demonstra quando, por exemplo, se pergunta aos alunos: "Em que você se sente fraco?", "Em que podemos auxiliá-lo na próxima semana, no próximo mês, ou no próximo ano?", e se levam a sério as respostas apresentadas.

d) **Representarem as necessidades da comunidade,** quando se consideram as características da sociedade contemporânea, a necessidade daquela profissão nesta sociedade, o tipo de profissional que ela está exigindo, a evolução histórica dessa comunidade e as transformações sofridas. Os objetivos precisam responder a cada mudança para que a escola não abdique de sua força vital na comunidade.

VII. O que Influi nas Decisões sobre Objetivos de um Plano de Ensino?

Ao estabelecer os objetivos de sua disciplina, o professor terá presente que ela faz parte de um curso (isto é, de um conjunto

de disciplinas, atividades, professores, etc., necessários para a formação de um profissional) e que este curso, junto com os demais, se insere no contexto mais amplo das finalidades educativas de uma instituição de ensino. Os objetivos da disciplina são a ponte entre a prática concreta, na qual professor e aluno se defrontam a cada aula, e os ideais educacionais mais amplos, expressos pela instituição; o que vale dizer que a definição de objetivos de uma disciplina deve estar coerente com os objetivos do curso e com os objetivos da instituição nos quais se insere.

Com efeito, considerando níveis de abrangência, identificamos três tipos de objetivos:

a) Os objetivos mais abrangentes, mais amplos de uma instituição educativa, de uma escola, de uma universidade, de um sistema educacional que expressam a filosofia de educação e a prática pedagógica daquela entidade. Estes objetivos dizem "o *porquê*" e o "*para quê*" *da existência daquela instituição* e dos *cursos* por ela organizados. São os grandes princípios, as grandes linhas e as grandes diretrizes que orientam, na sua ação, aquela entidade e que deverão estar encarnados nos cursos por ela patrocinados.

b) Os objetivos de um curso profissionalizante deverão definir o tipo de profissional que se pretende formar, suas características, suas especialidades, respeitando os objetivos mais amplos da instituição e concretizando-os em suas atividades.

c) Os objetivos de uma disciplina deverão definir qual a contribuição específica daquela disciplina para a formação do profissional prevista naquele curso dentro daquela determinada instituição. Cada disciplina é responsável por determinada parcela da educação de seu aluno. Ela não existe sozinha e independente das demais na formação daquele profissional. Ela faz parte do todo do curso e da escola, responsáveis estes pela formação total do aluno.

Ora, estamos nos referindo, assim, a uma primeira *fonte de influências que age na tomada de decisões sobre objetivos.* Trata-se dos valores, relacionados com a educação superior, presentes na sociedade, bem como os valores vigentes naquela instituição de ensino em particular. Por certo, tais valores orientarão tanto mais claramente o curso quanto mais consciência tiver deles o professor. Essa afirmativa sobre a consciência crítica do professor vale tanto para a situação em que o professor concorda com tais valores, como para a situação em que o professor pretenda transmitir valores diversos dos vigentes.

Uma segunda fonte de influência: o aluno. Este aparece aqui como um elemento da sociedade bastante característico, uma vez que se constitui na própria razão da existência de uma escola. Sendo membro da sociedade, traz consigo valores e expectativas que a representam; entretanto, compondo um segmento da sociedade — a população estudantil — apresenta orientações características desse subgrupo social. É o aluno o elemento mais concreto com que o professor se defronta, e do qual sofre influências.

Estivemos mencionando, sem explicitar, *um outro tipo de fonte de influências*: além dos valores expressos da sociedade, além dos valores expressos da instituição, além das expectativas do aluno, vai pesar nas suas decisões *a própria filosofia da educação assumida pelo professor*. Suas posições em relação ao mundo atual, ao ensino, ao aluno e a si mesmo são valores que explicam, em parte, as decisões tomadas pelo professor em relação ao que pretende que os alunos aprendam no seu curso.

Por outra parte, podemos afirmar com tranqüilidade que em relação a decisões sobre objetivos, influi incisivamente *o conhecimento sobre o conteúdo a ser abordado no curso*. Quanto mais se conhece sobre um tema, melhor se decide sobre ele. Mesmo num curso com objetivos mais voltados para a formação do aluno do que para informá-lo, é imprescindível um sólido conhecimento de conteúdo. Possuindo o domínio amplo de sua área de conteúdo, o professor pode perceber melhor para que o aluno precisa conhecer essa matéria; conseqüentemente, pode decidir com mais acerto sobre os objetivos próprios da disciplina, dentro do conjunto de disciplinas às quais o aluno é submetido na instituição de ensino.

Assim, resumindo, são fontes de influências nas decisões do professor sobre os objetivos de um curso os valores da sociedade mais ampla, os da instituição, que está inserida nessa sociedade, os do professor, que se relaciona com a instituição e com a sociedade, bem como o conhecimento do professor sobre o conteúdo que se encarrega de transmitir ao aluno; influi o próprio aluno, com suas expectativas sobre o curso e a instituição.

VIII. Em Conclusão

Para concluir, relembramos dois fatos. Em primeiro lugar, a capacidade crítica do professor em relação a cada uma dessas fontes de decisão completa o quadro de escolha de objetivos para

um curso. Trata-se de uma qualidade imprescindível no professor universitário, e repeti-lo nunca será excessivo.

Em segundo lugar, o estabelecimento de objetivos, embora possa parecer pelo que foi dito até agora, não é uma atividade solitária que estabelece um processo fechando; ao contrário, o professor precisa relacionar-se, dialogar, para melhor decidir; além disso, todas as fontes de influência que mencionamos agem não só antes do início do curso, como também no decorrer do mesmo; por outro lado, todas essas fontes de influência são dinâmicas, isto é, valores, expectativas e conhecimentos modificam-se com o passar do tempo. Isto sem se falar na própria população estudantil atendida pela escola superior. Por essa razão, os objetivos estabelecidos inicialmente para um curso são revistos e, eventualmente, modificados por influência do professor, do aluno, da instituição, da sociedade.